

Impotência à luz do dia

O italiano Giuseppe Berto utiliza a psicanálise para se curar e produzir literatura

Reprodução



A psicanálise é um método terapêutico cujos conceitos se difundiram ao longo do século 20. Complexo de Édipo, superego e id podem não ser expressões tão comuns à boca do povo, mas o significado delas é bem conhecido. A teoria para interpretar a alma, elaborada pelo pai da

psicanálise o austríaco Sigmund Freud (1856-1939) e por seus seguidores, se tornou importante modelo de reflexão sobre o comportamento do indivíduo e, por extensão, da sociedade. A linguagem nesse processo é imprescindível, já que é o meio pelo qual o indivíduo relata, entende e cura seus problemas psíquicos com a ajuda do analista. Não é à toa, então, que alguns escritores tenham se apropriado de conceitos psicanalíticos para elaborar suas obras, como fez o italiano Giuseppe Berto (1914-1978) em *O Mal Obscuro*, da Editora 34.

Berto não é o primeiro italiano a tomar a psicanálise como linha mestre da sua escrita. Italo Svevo (1861-1928), em *Consciência de Zeno*, e Carlo Emilio Gadda (1893-1973), em *O conhecimento da dor*, já haviam escrito sua literatura psicanalítica.

Porém, é o primeiro a confundir a ficção e a autobiografia, ambas presentes em menor ou maior grau em qualquer literatura, de forma indecifrável. Berto sofreu de depressão por dez anos. Encontrou na psicanálise a cura para sua neurose. E a fonte de mais um livro. Por sugestão do analista freudiano Nicola Perroti, Berto anotou o relato da sua doença. Da doença para a reflexão sobre a existência, via literatura, foi um pulo. Entre o livro e a biografia de Berto há muitos fatos parecidos, quando não iguais. Foram dois meses para redigir *O Mal Obscuro*, mas a

revisão demorou quase dois anos. Berto rompia ali com a influência do neo-realismo que, surgido na Itália após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), se preocupava com o social e se aferrava à extrema verossimilhança na hora de narrar, pouco se importando com o intimismo.

A narrativa é marcada pela livre associação de idéias, muitas delas obsessivas, e pretende resgatar o conteúdo reprimido do inconsciente, o que não impede o narrador de racionalizar o entendimento de suas ações. Mesmo a ausência de vírgulas e a extensão dos parágrafos - que duram páginas -, artifícios estilísticos para abrir as portas do inconsciente, não inibem essa tentativa de racionalização. Ao entrar em cena, a consciência de quem narra apresenta um problema ao leitor: tudo que o narrador diz pode ser contado de outra maneira. Assim, as várias versões para um mesmo acontecimento podem se transformar num buraco negro de enlouquecer. Em várias passagens, parece que essa consciência será tragada.

De qualquer jeito, impressiona a coragem do autor para falar de sua intimidade. Mostra-se a verdade sem pudor. O narrador, que não recebe um nome até o fim do livro, e de quem se sabe ser um frustrado roteirista, divide sua existência em três fases: 1) do nascimento aos 18 anos, quando a figura paterna é repressora e vitoriosa; 2) dos 18 aos 38, quando percebe que o pai é um ser falível e 3) dos 38 em diante quando o pai morre e a presença paterna se torna uma obsessão em meio à neurose.

Desses três momentos, ele fala sem linearidade cronológica até chegar ao final, quando realiza a intenção primeira da psicanálise: mostrar que o homem só pode responsabilizar a si mesmo pelo que é. Freud percebera que a religião e a família haviam se enfraquecido como refúgio do homem. Acreditava que sua terapêutica viabilizaria o contato do ser humano, cada vez mais desamparado e com seus

sentimentos de amor e ódio, a fim de fazê-lo suportar melhor essa tensão interna. Berto, ou melhor, o narrador, foi corajoso ao assumir quem é, apesar de suas desilusões. A seu modo, fugiu da sina dos homens modernos: saber que um mal os aflige, mas ser impotentes (e covardes) para combatê-lo.

O Mal Obscuro (1964)

Giuseppe Berto

Editora 34 / 336 páginas

Trecho da obra

"(...) eu naqueles tempos me metia sempre em confusão e vivia com os vagabundos de rua tanto que minha mãe não se cansava de repetir que eu me tornaria um deles, eu a enchia de preocupação quando escapava de casa para ir às margens do rio onde havia o perigo de que eu caísse e me afogasse, mas o rio era bonito, era como ir para a América ou Oceania ou aos lugares mais aventureiros da terra, quando eu podia escapava seguindo a estrada-de-ferro e em dez minutos chegava ao rio e lá não fazia nada só ficava olhando os rapazes e os meninos de minha idade que se atiravam na água todos nus pulando da ponte do trem, e quando eu contava isso a meu pai ele dizia que era preciso tomar providências, dizia olhe que te meto no colégio, e eu respondia com arrogância mande-me que não me importa nada, de modo que às vezes tomava um belo tabefe e ficava chorando por duas horas com vontade de morrer e desejando que todos estivessem ao meu redor chorando de arrependimento pelos maus tratos que me infligiam, em suma aos poucos começaram a pensar seriamente no colégio, segundo meu pai a única dificuldade era a mensalidade que custava muito mas com sacrifícios se podia pagar, e solicitaram de dois ou três colégios os prospectos com os custos anuais e escolheram o mais barato de todos, pena que nele não houvesse curso de contabilidade mas só o ginásio, de qualquer modo eu poderia fazer lá a quarta e a quinta primárias e depois quem sabe me



Divulgação

transfeririam para um outro colégio onde houvesse cursos de contabilidade que em oito anos permitem receber um título e ganhar a vida, já no ginásio e no liceu não se tem nenhum título nas mãos e por isso é preciso fazer a universidade, mas como seria possível achar tanto dinheiro com meu pai que já dava o sangue pelos filhos, e assim quando veio o mês de outubro eles me compraram uma bola de borracha bem grande e minha mãe me acompanhou ao colégio, me pôs sobre o portão e me mostrou uns meninos que estavam jogando ao fundo do pátio, ela chorava coitada pela tristeza de se separar de mim mas mesmo assim me disse vá jogar com seus colegas (...)"

Reprodução



A ilha de Arturo (1957) é o relato das dores e dos prazeres que surgem com o crescimento e o amadurecimento de cada indivíduo.

Embora sejamos todos vítimas dessas experiências à medida que envelhecemos, elas acontecem como únicas e são particulares a cada um, ainda que bastante semelhantes. Por isso, a ilha encantada do título (Procida, que existe no mundo real e fica próxima a Capri, no golfo napolitano), onde o personagem Arturo descobre a si mesmo e ao mundo, revela um sentido de solidão existencial. O ser humano como ilha, solto numa sociedade que é um arquipélago. Sozinho, Arturo mergulha na narrativa de vários livros e, com a influência deles, conhece seus familiares e seus amores. A vida é um enfrentamento: do indivíduo contra si mesmo e contra os

Paolo Cristina Lapolla



semelhantes. Mas, nesse embate, que nem sempre tem a presença da violência, o ser humano precisa suportar as inevitáveis desilusões e aceitar os intermitentes prazeres que vêm com o envelhecimento, conforme deixa perceber a escritora italiana Elsa Morante (1912-1985). Escritora não, escritor. Ela não admitia ser chamada de escritora: para ela, não havia diferença intelectual entre o homem e a mulher. Mesmo depois de terminar um casamento de vinte anos com o escritor italiano Alberto Moravia (1907-1990), Elsa mantinha com ele uma relação de competição. A disputa literária entre os dois foi um exemplo de como a vida apesar da presença do amor pode ser dolorosa.

A ilha de Arturo

Elsa Morante

Berlendis & Vertecchia /496 páginas

Reprodução



Um inglês radicado na Itália que escreve em inglês sobre a Itália. Parece simples, mas não é. Neste livro memorialista, de 1996, uma continuação do “best-seller” *Meus vizinhos italianos*, fala-se mais um pouco da cultura italiana pela perspectiva do olhar estrangeiro e, ao mesmo tempo, familiar de Tim Parks, que mora

na Itália desde 1981 com a esposa italiana Rita. O professor Parks escreve sobre o modo de vida dos italianos por meio de histórias as mais engraçadas e cotidianas, que têm por personagens seus filhos e esposa. No capítulo *Naturalmente*, Parks vai com o filho Michele procurar um apartamento na região do Vêneto, norte da Itália. Entre os comentários irônicos sobre o vendedor do imóvel, o escritor reflete sobre a situação dos peões que trabalham na construção civil. “É sempre a velha geração de

Reprodução



Dante Alighieri (1265-1321) é daqueles homens que, pela magnitude da obra, fazem o pensamento humano dar saltos evolutivos. Por causa dessa importância sem tamanho, novas edições de *A divina comédia* (1321) em português são fatos dignos de aplausos. Poeta que sintetizou o mundo medieval,

Dante demorou quinze anos para escrever versos cujas imagens belíssimas e originais ainda influenciam escritores e leitores no começo do século XXI. O pensamento cristão está todo espalhado pelos cantos e pelas estrofes: o ser humano precisa ser puro e virtuoso para viver no reino do céu; se preferir o desregramento terreno e a negligência espiritual, está condenado ao padecimento eterno no inferno. Ao caminhar pelo Inferno, pelo Purgatório e pelo Paraíso, conduzido em diferentes momentos pelo poeta antigo Virgílio e pela representante da graça divina Beatriz, Dante mostra que aqui se faz, um dia se paga. Deve-se esperar a morte chegar para conferir a dívida a ser cobrada ou, no caso dos bem-

aventurados, a dívida a ser recebida. Nessa caminhada penitente rumo à redenção, Dante conversa com personagens contemporâneos a ele, com representantes da Antigüidade e com figuras da mitologia. Nessas conversas, ele criticou o mundo onde viveu, mas dá para ver que ele também nos critica, já que a sociedade atual ainda não aprendeu a dar pouca importância aos bens materiais e a moderar os excessos, que seriam causa de condenação severa no reino das trevas. Para Dante, o homem devia se pôr no lugar limitado que lhe é reservado no universo criado e dominado por Deus e agir sob a influência da fé, da esperança e da caridade para estar perto do Pai quando não for mais deste mundo.

A divina comédia

Dante Alighieri

Landmark / 894 páginas

camponeses que faz as construções aqui, o trabalho pesado, e as faz para a geração mais nova, que tem mais mobilidade social e pode muito bem ser os filhos deles”. De uma tacada, enquanto precisa ficar atento para o filho não cair em algum buraco do prédio a ser erguido, Parks mostra as desigualdades entre o Sul e Norte italianos e as diferenças de gerações. Assim é a alma do livro. É a densidade do conhecimento aliada à leveza do aprendizado e à observação atenta de fatos aparentemente banais. Todos os capítulos estão

com o título em italiano, cujo significado é explicado pelo autor. Tim Parks é professor de tradução literária da Universidade de Milão e colaborador das revistas norte-americanas *New Yorker* e *New York Review of Books*. Já traduziu para o inglês a obra de Italo Calvino (1923-1985).

Uma educação à italiana

Tim Parks

Publifolha / 428 páginas